

# Artigo 3

Tema

**CEGUEIRA**

## Eficiência e alteridade

*João Vicente Ganzarolli de Oliveira*

### RESUMO

A deficiência física ou mental afeta o homem em sua essência? É o que este artigo procura responder, tomando por base referências históricas e culturais.

### *ABSTRACT*

Is the essence of a man affected physical or mental impairments? This is what the present article tries to answer, based in historical and cultural references.

# I n t r o d u ç ã o

“Naquele tempo, ao passar, Jesus viu um cego de nascença”, escreve o evangelista.<sup>1</sup> Curado, o cego respondeu aos fariseus que o interrogavam: “agora vejo”<sup>2</sup>. São muitas as curas narradas nos Evangelhos: cegos, aleijados e tantos outros portadores deste ou daquele defeito são coadjuvantes dos milagres feitos por Jesus, que curava males dos corpos e das almas. Mas o tema relativo às várias moléstias que acometem o ser humano não se limita ao circuito evangélico; tampouco pertence apenas à cultura judaico-cristã. Diz respeito, isto sim, à humanidade em sua essência – independentemente, portanto, da época em que estejamos e do lugar em que nos encontremos. O que está em questão é o próprio homem, justamente no que o caracteriza como tal.

O homem a quem falta um braço continua sendo um homem. Evidente que sim, poderíamos dizer, complementando que também a surdez, a cegueira, a paralisia e as enfermidades diversas não diminuem o homem na sua humanidade. Contudo, a vida prática nem sempre revela-se compatível com essa evidência. Ocorre muitas vezes que a pessoa portadora de deficiência seja tida como inferior em relação àquelas que têm o organismo em perfeito estado. Privada de um órgão, ou debilitada no funcionamento do seu corpo, a pessoa recebe então o estigma da alteridade. Ela passa a ser *o outro*, no sentido de diferir essencialmente de uma certa realidade. Desvirtua-se aqui a essência do homem naquilo que ela efetivamente representa.

É o caso, portanto, de buscarmos esclarecimento quanto ao que venha a ser o homem. Procura-se a sua definição. Devemos traçar limites, já que definir um ser implica dizer o que ele é, isolando-o daquilo que ele não é. Se não sabemos o que é o quadrado, não satisfaz afirmar que seja um polígono regular. Carece esclarecer que se trata de um polígono regular de quatro lados, a fim de que não haja confusão com o triângulo, o hexágono e outros polígonos que não o quadrado. De igual modo, quando perguntamos o que é o homem, não é suficiente que nos respondam ser um animal. Ainda que a resposta esteja correta, falta-lhe algo que nos permita distinguir entre o homem e os outros animais. Precisamos enunciar a essência do homem, algo que só ele possua. Eis a única maneira de não misturarmos o homem com aquilo que ele não é.

A essência, ensina Sócrates, responde à pergunta “*o quê?*”.<sup>3</sup> É o que Aristóteles descreve como *to ti en einai* e os medievais entendem por *quidditas*: “aquilo que o ser era”.<sup>4</sup> É o que permanece com a mudança, permitindo que os seres continuem a existir, a despeito das eventuais diferenciações que a própria existência lhes impõe. Respondemos àquela pergunta quando enunciemos a essência, exprimindo assim o que o ser é por necessidade, não podendo por isso deixar de sê-lo. No caso do homem, a essência expressa-se mediante a definição de animal racional.<sup>5</sup> Porque a razão é qualidade necessária e exclusiva do homem, quando posto junto aos outros animais. Desse modo justifica-se a evidência daquela sentença segundo a qual um homem permanece a ser o que é, mesmo que lhe falte um braço. A carência do membro não o exclui do âmbito da humanidade.

Como tampouco o excluíam outras modalidades de deficiência física. Ao que se poderia talvez objetar que a loucura, esta sim, seria um tipo de moléstia que ameaça o homem na sua própria essência, na medida em que se opõe à racionalidade. Mas tem-se que a insanidade mental não implica necessariamente a perda da razão. Lembremo-nos da assertiva de Chesterton, segundo a qual o *homem louco é aquele que perdeu tudo, exceto justamente a razão*. Contrariamente à idéia usual que se tem da loucura, diz o autor inglês:

“A imaginação não gera a insanidade; o que gera a insanidade é exatamente a razão. (...) A mais sinistra qualidade (da loucura) é uma horrível clareza nos detalhes; é a conexão de uma coisa com outra numa espécie de mapa mais elaborado que um labirinto. (...) Realmente, a definição vulgar da insanidade mental é, nesse sentido, um equívoco. O louco não é o homem que perdeu a razão. O louco é o homem que perdeu tudo, exceto a razão.”<sup>6</sup>

De fato, a loucura costuma ter a marca da lógica irrefutável, fruto de uma racionalidade conduzida ao extremismo. O que muitas vezes torna os loucos adversários imbatíveis numa disputa verbal. Aprofundando o assunto, Chesterton esclarece e exemplifica:

“*Suas explicações de cada coisa são sempre completas e muitas vezes, num sentido puramente racional, satisfatórias. Ou então, mais exatamente, a explicação do louco, se não é convincente, pelo menos é irrespondível. E isso se pode ver em dois ou três dos casos mais comuns em loucura. Se um homem diz, por exemplo, que o resto da humanidade conspira contra ele, não podemos discutir senão dizendo que todos os homens negam unanimemente que sejam conspiradores; ora, se eles o fossem diriam exatamente isso. A explicação do louco, portanto, está de acordo com os fatos tão bem quanto a nossa. Se um homem diz que é o legítimo rei da Inglaterra, não será satisfatório dizer-lhe que as autoridades existentes o consideram louco; porque se ele fosse o rei da Inglaterra as autoridades usurpadoras não teriam melhor coisa a dizer. Ou então, se um homem diz que é Jesus Cristo, não adianta responder que o mundo nega sua divindade, porque o mundo nega a divindade de Cristo.*”<sup>7</sup>

Há de se discernir entre a *doença* mental – que diz respeito a questões de ordem psicológica e psiquiátrica – e a *deficiência* mental, referida à inteligência e ao déficit cognitivo. Também no caso da incapacidade cognitiva, o estatuto de humanidade é mantido: um homem não é necessariamente inferior aos outros apenas porque ele se mostra incapaz de desenvolver as aptidões intelectuais que lhe são próprias. Resta-lhe sempre a espiritualidade, que não se altera com essa perda.

A definição aristotélica do homem como animal racional, embora válida e universalmente aceita, não põe termo à busca pela essência humana. Tire-se a um homem a razão e ele continua sendo homem – é o que constatara Leibnitz, ao perceber que a carência de razão não constitui uma objeção que se oponha a ela.<sup>8</sup> Nenhum outro ser criado concentra em si tamanha complexidade. Em sintonia com os neoplatônicos, escreve Escoto Eriúgena que o homem é “(...) a oficina de todas as criaturas: de fato, todas as criaturas estão nele contidas. Ele entende como o anjo, raciocina como o homem, sente como o animal irracional, vive como um germe, constitui-se de alma e corpo, e não carece de nenhuma coisa criada”.<sup>9</sup>

Além disso, há de se destacar o fato de ter o homem uma alma espiritual, prerrogativa que o diferencia de todos os outros animais e o aproxima do Criador.<sup>10</sup>

A história registra muitos casos de pessoas que, embora portadoras de deficiências, exerceram de modo admirável suas atividades. Dídimos de Alexandria, teólogo cultíssimo, ficou cego aos quatro anos de idade. Surdo, Beethoven compôs a parte mais grandiosa de sua obra. Não menos expressivo é o exemplo do guerreiro espanhol Don Blas de Lezo, a quem havia sido confiada a defesa da cidade colombiana de Cartagena em 1741. Havendo perdido uma perna, um braço e um olho em diferentes batalhas, Don Blas de Lezo, mesmo em inferioridade numérica, comandou vitoriosamente sua tropa contra a esquadra inglesa, que tentava apossar-se da cidadela. Não é preciso estender a exemplificação. Bastam esses exemplos para ilustrar o fato de que a falta de uma potencialidade pode ser compensada mediante a exploração mais intensa das outras restantes.

Vimos, ainda no começo da palestra, que as deficiências que atingem o ser humano nos conduzem a perguntar acerca da sua essência. Percebemos que tais deficiências não comprometem o que o homem tem de essencial. Por que então o estigma da alteridade sobre pessoas que carecem de elementos que não alteram a sua essência como seres humanos? Cabe aqui salientar que a segregação social é um fenômeno que não se acha circunscrito aos portadores de defeitos de ordem fisiológica ou neurológica. Diferenças étnicas, religiosas e políticas, além de muitos outros fatores, são capazes de levar o homem a se apartar do seu semelhante.

Assiste-se hoje a uma crise que perpassa todos os setores da sociedade – e isso em escala mundial, sendo essa a escala que as crises tendem cada vez mais a adquirir. É vago falarmos simplesmente em crise, tal a amplitude semântica a que somos transportados por esse conceito. A crise de que falamos não se refere apenas aos problemas de aceitação social enfrentados pelas pessoas portadoras de deficiência. Ela concerne, a bem dizer, às relações humanas em todas as suas modalidades. O que nos mostra ser o estigma da alteridade que tantas vezes recai sobre aquelas pessoas simplesmente uma das faces de um tema bem mais extenso.

Que a segregação social não se restringe ao portador de deficiência, é fato evidente e que foi apontado há pouco. Pode-se inclusive afirmar que vivemos hoje uma fase de radicalização das diferenças entre os homens: as guerras ininterruptas o demonstram. Interessante notar que isso aconteça ao mesmo tempo em que os progressos na ciência e na técnica permitem a comunicação entre os povos em escala nunca antes alcançada. As distâncias tornam-se cada vez mais superáveis através dos meios de transporte, sempre mais eficientes. Nem por isso os homens tornaram-se mais aptos a vencer as barreiras que os separam uns dos outros. Há quase 50 anos, Heidegger tangenciava esse assunto numa conferência sobre a técnica, e que se integrava a um evento promovido pela Academia de Munique, intitulado *As artes na era da técnica*. Numa certa passagem, o filósofo chama a atenção para o processo de alienação que se instaura com o advento da Ciência Moderna e se consuma sobretudo a partir da Revolução Industrial. Exemplifica com “o tom coloquial que utilizamos para falar de material humano”, principalmente nos ambientes profissionais.<sup>11</sup> Rebaixado à categoria de objeto, reduzido à pura funcionalidade que requer a vida moderna, o homem nega a sua essência, deixando assim de ser aquilo que efetivamente é.

Não admira que no mundo de hoje, cada vez mais estruturado segundo os padrões civilizatórios da sociedade de consumo ocidental, sejam discriminadas as pessoas que não se enquadram nesses mesmos padrões. São modelos de conduta e aparência ditados consoante os modismos e os interesses da indústria. Alvo da propaganda maciça transmitida pela mídia, o homem moderno não raro perde o seu poder de escolha e até mesmo a sua individualidade, tal a influência sofrida: um homem desaprovado nos seus cabelos negros, tingem-os de ruivo; a outro, se desagradam os seus cabelos ruivos, basta tingi-los de negro. O discurso da cultura de massa tem por meta o consumo dos seus produtos, não importando a sua validade para o homem. Meramente retórico, esse discurso é alheio à veracidade ou à falsidade contida nos seus argumentos; vale, isto sim, o seu poder de convencimento, atendendo assim às expectativas de um público determinado.

Para a retórica, o que importa não é o que o objeto é realmente, mas o que o público imagina que ele seja. A retórica não tem meios de julgar a veracidade do seu próprio discurso, do mesmo modo que a boa qualidade de um produto para os fins a que se destina não tem o menor vínculo de implicação recíproca com a eficácia do *marketing* que o veicula. O número de vítimas da talidomida, por exemplo, confirma a eficácia do seu *marketing* na mesma medida em que atesta a má qualidade do produto.<sup>12</sup>

A deficiência, como temos visto, representa não mais do que um aspecto do mesmo tema. Seu caso evidencia-se mercê do próprio conceito que a caracteriza. Pois o *deficiente*, conforme o nome já diz, atua como antônimo em relação ao *eficiente* – daí, ao menos em grande parte, os problemas que têm as pessoas ditas deficientes para a integração ao trabalho numa sociedade como a nossa, obsessivamente voltada para a idéia de eficiência. Valorizamos de forma extrema o eficiente, o eficaz, em detrimento do que se nos apresenta como contrário a essa noção.

Herdamos dos latinos essa relação antagônica refletida na linguagem. Eficaz diz-se em latim *efficax*, e refere-se ao que é ativo, enérgico ou poderoso. Assim fala Plínio ao descrever uma “erva eficaz contra o veneno das serpentes”.<sup>13</sup> Nos primeiros séculos da Idade Média, escreve Santo Isidoro de Sevilha nas *Etimologias*:

*Efficax* (eficaz) diz-se daquele que não tem dificuldade alguma na realização de algo. Deriva de *facere* (fazer), assim como *efficiens* (eficiente).<sup>14</sup>

*Efficiens* designa o que realiza, que leva a termo uma tarefa - noção que já era expressa na Antiguidade, como se percebe através do testemunho de Cícero, ao falar de “causas que produzem os mais belos efeitos”.<sup>15</sup>

No verbo latino *deficere* encontramos o ancestral etimológico da palavra “deficiente”. É interessante observar que, além da acepção mais diretamente contraposta à anterior (“faltar”, “carecer”), *deficere* também significa “afastar-se”, “eclipsar-se”, “desintegrar-se” e assim por diante. Em decorrência, *defectus* não se traduz apenas por “defeito”; também pode designar “eclipse”. Em Vergílio encontramos tal acepção, na passagem das *Geórgicas* em que o poeta deseja que as musas lhe mostrem os “eclipses multiformes do sol e da lua”.<sup>16</sup> Vale a pena insistir no sentido primitivo da palavra *defectus*. Pois nesse território semântico entendemos o ser defeituoso como o que se distancia, podendo vir a desintegrar-se, tal qual se dá nos eclipses dos astros que povoam o firmamento.

Recordemo-nos do contexto evocado no início desta palestra, em que São João narra a cura do cego por Jesus. Ao curar os olhos daquele cego do defeito que o cegava, Jesus reintegrou-o à sociedade em que ele antes vivia eclipsado pela cegueira, apartado, portanto, dos outros homens. O que contrasta com a essência humana, uma vez que o homem também se define como “animal social”, necessária que lhe é a convivência com os outros homens.<sup>17</sup>

O exemplo descrito pelo evangelista fala por todos os outros. Possa a atitude de Jesus ser um estímulo à reflexão, levando-nos a compreender que a essência do homem não pode ser mensurada simplesmente a partir da posse ou da falta de atributos relativos ao corpo e à mente. Não é deles que a dignidade propriamente humana depende para se manifestar, uma vez que resta ao homem a alma espiritual. Tire-se um ou mais daqueles atributos a um homem, e teremos ainda um homem.

## B i b l i o g r a f i a

1. ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia (trad. Alfredo Bosi *et al.*). São Paulo: Mestre Jou, 1970.
2. ARISTÓTELES. Opera omnia graece et latine. Paris, Firmin-Didot, S/D.
3. CARVALHO, O. “A democracia das ONGs e a ditadura do marketing ou uma nova apologia do imbecil coletivo”, *in* O imbecil coletivo. Atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade/Academia Brasileira de Filosofia, 1996.

4. CORÇÃO, G. Três alqueires e uma vaca. 4ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
5. FREUND, G. Grand dictionnaire de la langue latine (trad. N. Theil) Paris: Firmin Didot, 1866.
6. HEIDEGGER, M. “Die Frage nach der Technik”, in *Die Technik und die Kehre*. Pfullingen: Günter Neske, 1962.
7. PLÍNIO. Historia naturalis (texto latino e tradução francesa de Jean Beaujeu). Paris: Les Belles Lettres, 1950.
8. SANTO ISIDORO DE SEVILHA. Etimologiae (texto latino e tradução espanhola de José Oroz Reta e Manuel Marcos Casquero). Madrid: B.A.C., 1982.
9. VERGÍLIO. Georgicae (texto latino e tradução francesa de Henri Goelzer). Paris: Les Belles Lettres, 1935.

## N o t a s

01. Jo 9, 1.
02. Jo 9, 11.
03. Cf. Men., 79 b.
04. Met., 1029 b.
05. Cf. Aristóteles. Top., 133 a.
06. Apud Gustavo Corção. *Três alqueires e uma vaca*, 4ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1955, pp. 94 e 96.
07. Idem, p. 96.
08. Cf. Nouv. ess., III, 6, 22.
09. De divis. nat., III, 37.
10. Cf. Gen I, 26.
11. “*Die Frage nach der Technik*”, in *Die Technik und die Kehre*. Pfullingen, Günter Neske, 1962, p. 17.
12. “*A democracia das ONGs e a ditadura do marketing ou: uma nova apologia do imbecil coletivo*”, in *O imbecil coletivo. Atualidades inculturais brasileiras*. Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade / Academia Brasileira de Filosofia, 1996, p. 155.
13. “*(...) efficax herba adversus serpentium venena*”. Hist. Nat., XXIV, 15, 80.
14. “*Efficax dictus, quia nullam difficultatem habet in qualibet re facienda. Hinc et efficiens a faciendo dictus.*” Etim., X, 83.
15. “*Quae (causae) sunt efficientes pulcherrimarum rerum*”. Univ., 14.
16. “*(...) defectus solis uarios lunaeque labores (...)*” Georg., II, 478.
17. Aristóteles. Pol., 1253a e 1278 b.

**João Vicente Ganzarolli de Oliveira é professor-doutor do Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ.**